



A NEGAÇÃO DO TRABALHO EM *LEITE DERRAMADO*, DE CHICO BUARQUE

THE NEGATION OF WORK IN CHICO BUARQUE'S *LEITE DERRAMADO*

Alex Alves Fogal*
Bárbara Del Rio Araújo**

* alexfogal@yahoo.com.br
Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor do CEFET-MG.
** barbaradelrio.mg@gmail.com
Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora do CEFET/MG.

RESUMO: Este artigo busca identificar como a negação do trabalho, em *Leite Derramado*, fomenta uma perspectiva crítica em relação ao modo de produção capitalista, sobretudo em um contexto periférico. Inicialmente, pode-se dizer que não há espaço para a representação do trabalho nas memórias do narrador Eulálio, decadente empresário que habita um hospital simples. Entretanto, esse tema se faz revelador na medida em que ironiza a tradição de uma classe que vive da exploração do trabalho dos outros. Além disso, nota-se que a narrativa permite refletir sobre o processo de fetichização que se implementou sobre a lógica do trabalho e sobre a consciência dos indivíduos no capitalismo contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Negação do trabalho; fetiche; *Leite Derramado*.

ABSTRACT: This paper aims to assess how the negation of work, in *Leite Derramado*, fomenta a critic perspective related to the capitalist mode of production, especially in a peripheral context. Initially, one might say that there is no space to the representation of work in the Eulalio's memory, a decadent businessman that lives in a modest hospital. However, this subject is enlightening in as much as ironizes a class tradition that is sustained by the exploration of others' work. In addition, the narrative allows a reflection about the fetishization process that was implemented on the logic of the work and on individual consciousness in the contemporary capitalism.

KEYWORDS: Negation of work; fetish; *Leite Derramado*.

No romance brasileiro contemporâneo, a temática das relações de trabalho e a figura do trabalhador ficam relegadas ao segundo plano em função de outras demandas. Levando em conta as obras daqueles que são reconhecidos como os grandes romancistas dos últimos tempos – Bernardo Carvalho, João Gilberto Noll e Bartolomeu Campos de Queirós –, percebemos que os temas prediletos levantam questões como, por exemplo, a condição do viajante sem lugar, o sujeito em conflito com suas memórias, as relações familiares da classe média, amores proibidos e censuráveis, dentre outros. Com poucas exceções, como no caso de Luiz Ruffato, o universo do trabalho muitas vezes é tratado a partir de uma perspectiva um pouco caricata, isto é, a abordagem sobre a vida e as questões de quem vive do trabalho acabam por se restringir ao cenário da irracionalidade e da animalização dos seres.

A exclusão do mundo do trabalho revela-se como tendência, a qual parece ser a manifestação, em clave literária, de uma transformação imposta pelo capitalismo avançado dos grandes centros e captada de maneira deformada pelos países periféricos. Segundo Ricardo Antunes, um dos principais estudiosos do tema no Brasil:

O mundo do trabalho viveu, como resultado das transformações e metamorfoses em curso nas últimas décadas, particularmente nos países capitalistas avançados, com repercussões significativas nos países de Terceiro Mundo dotados de uma industrialização intermediária, um processo múltiplo: de um lado verificou-se uma desproletarização do trabalho industrial, fabril, nos países do capitalismo avançado. Em outras palavras, houve uma diminuição da classe operária industrial tradicional. Mas, paralelamente, efetivou-se uma significativa subproletarização do trabalho, decorrência das formas diversas de trabalho parcial, precário, terceirizado, subcontratado, vinculado à economia informal, ao setor de serviços etc. Verificou-se, portanto, uma significativa heterogeneização, complexificação e fragmentação do trabalho. (ANTUNES, 2009, p. 205)

Logo, parece-nos que apenas a primeira parte do processo referido acima foi digerida pela maior parte dos escritores da literatura atual. Os romances mais consagrados apresentam uma perspectiva reificada¹ sobre o mundo do trabalho, em que as relações tradicionais de produção foram substituídas pelo domínio da técnica e pelo trabalho abstrato,² proporcionados pelos avanços da ciência e da tecnologia. Como nos mostra Ricardo Antunes (2009) em sua obra *Os sentidos do trabalho*, as formas do emprego da mão de obra apenas assumiram outra

1. O processo de reificação é um mecanismo de funcionamento do fetichismo da mercadoria. Consiste em naturalizar as condições alienadas do sujeito e sua perspectiva objetificada perante a visão da totalidade do processo de produção. Para uma incursão mais detalhada sobre o problema ver *Lukács e os limites da reificação*, de Marcos Nobre (2001).
2. O trabalho abstrato, também chamado de trabalho improdutivo ou “morto”, é aquele que não se constitui como elemento diretamente produtivo, como elemento vivo do processo de valorização do capital e de criação de mais-valia. São abarcados por esse conceito os funcionários do setor de serviços, bancos, comércio, turismo e até mesmo aqueles trabalhos que se realizam nas fábricas, mas não criam valor diretamente (ANTUNES, 2009, p. 102).

forma, mais heterogênea e fragmentária, o que contribuiu para complexificar as maneiras de exploração, que não são mais tão diretas, principalmente se pensarmos no contexto brasileiro e nas transformações que o cenário trabalhista vem sofrendo por aqui.

Um romance que nos apresenta uma perspectiva diferente é *Leite Derramado*, de Chico Buarque. Trata-se de uma obra contemporânea, cuja ambientação leva a toda uma encenação de intrigas amorosas, desdobramentos entre a memória e o esquecimento, e, ainda que o protagonista busque se colocar como um anônimo qualquer, as questões da sua tradição familiar e seu pouco vínculo com o trabalho saltam aos olhos, configurando um aspecto *sui generis* da realidade nacional. Desse modo, a carpintaria do texto acaba por evidenciar algo das relações de produção:

por outro lado, se a incerteza dos fatos, da cronologia e da memória está no cento da intriga, a realidade que forma à sua volta é clara e sólida, sem nada de indecível, e as dúvidas do narrador se encaixam nela com naturalidade, compondo um panorama social amplo, de muita vivacidade. (SCHWARZ, 2012, p. 148).

As memórias de Eulálio d'Assumpção e seu destino, marcado pela decadência econômica, deflagram os novos rumos da sociedade brasileira. O narrador-personagem busca restabelecer seu passado abastado, apaziguando a situação presente de internação em um hospital humilde. Descrevendo como era o transatlântico por dentro, ele escapa dos gritos dos vizinhos entubados e da infecta condição do quarto. Cheio de galanteios às enfermeiras, Eulálio, agora sem nenhum tostão, promete a elas roupas finas e as perdoa pelos erros gramaticais ou pela falta do plural nas concordâncias. Nisso, ele revela de onde veio e chega a remontar a genealogia da família Assumpção, “com p para não ser confundido com meros Assunção” (BUARQUE, 2009, p. 18). Seu pai fora senador e tinha relações com as forças armadas francesas; inclusive, por intermédio dele, a França vendeu canhões obsoletos ao Brasil. Eulálio viveu de regalias e sua narrativa se constrói por meio de uma ironia refinada, a qual expõe os entraves do sistema de produção, pois “a carpintaria atrás do jorro aleatório das recordações é realista e controlada até o último pormenor” (SCHWARZ, 2012, p. 148).

Quando o pai falece, Eulálio tenta seguir as negociações com a firma francesa *Le Creust*, a fim de viver do nome e do dinheiro que lhe deixaram, mas a situação torna-se mais difícil por não ser senador. A partir daí

ele usufrui daquilo que seus ascendentes produziram. Consequentemente, também assim o fazem a sua filha Maria Eulália, o neto Eulálio Assumpção Palumba e o bisneto Eulálio Assumpção Palumba Júnior. Como o narrador mesmo enuncia, o ditado “pai rico, filho nobre, neto pobre” serve para ilustrar a dinâmica comprimida da família.

Por meio de uma técnica de cortes, montagens, lembranças e esquecimento, Eulálio conta sobre seu passado e demonstra na narração a dinamicidade dos fatos históricos, visando garantir a veracidade do que é narrado. Interessante é perceber o apego do narrador aos quadros sociais fixos, deixando evidentes as relações de dominação e o grande poder que emana da sua família elitista:

Eulálio Montenegro d’Assumpção, 16 de junho de 1907, viúvo. Pai, Eulálio Ribas d’Assumpção, como aquela rua atrás da estação do metrô. Se bem que durante dois anos ele foi uma praça arborizada no centro da cidade, depois os liberais tomaram o poder e trocaram seu nome pelo de um caudilho gaúcho. A senhora já deve ter lido que em 1930, os gaúchos invadiram a capital, amarraram seus cavalos no obelisco e jogaram nossa tradição no lixo. Tempos mais tarde, um prefeito esclarecido reabilitou meu pai, dando seu nome a um túnel.

Mas vieram os militares e destituíram papai pela segunda vez, rebatizaram o túnel com o nome de um tenente que perdeu a perna. Enfim, com o advento da democracia, um vereador ecologista não sei por que cargas-d’água conferiu a meu pai aquela rua sem saída. Meu avó também é uma travessa, lá para os lados das docas. E pelo meu lado materno, o Rio de Janeiro parece uma árvore genealógica, se duvidar mande um moleque comprar o mapa da cidade. Esses são meus dados pessoais, caso a senhora tenha interesse em atualizar o cadastro. (BUARQUE, 2009, p. 77).

Ainda que discorra sobre a degenerescência moral da família, visível no fato de possuir um bisneto traficante, Eulálio não deixa de evidenciar a sua origem elevada. Quando se refere a algum deslize, o faz por meio do recurso irônico, o que realça ainda mais a sua posição, situada acima das condições presentes:

Sou muito grato ao garotão, mas para ganhar milhões sem instrução alguma, deve ser artista de cinema ou coisa pior, pode escrever aí. Mas o dinheiro dos Assumpção sempre foi limpo, era dinheiro de quem não precisa de dinheiro. Saiba a senhora que ao ganhar do presidente Campos Sales a concessão do porto de Manaus, meu pai era um jovem político bem-conceituado, sua fortuna de família era antiga. (BUARQUE, 2009, p. 78).

O trecho apresentado revela-nos a consciência do narrador sobre a escala social e sobre o universo das finanças. Em primeiro lugar, desqualifica o capital adquirido por um meio de trabalho que prescinde de instrução, valorizando o indivíduo que ganha seu dinheiro sem se envolver diretamente com as esferas de produção e, claro, não se vale dos ganhos “fáceis” e arbitrários advindos da indústria do entretenimento, como no caso dos artistas de cinema. Para ele, o enriquecimento deve acontecer por vias consideradas tradicionais e trazer uma marca senhorial, envolvendo apenas transações entre as classes dirigentes, como os políticos e o grande empresariado. Além disso, para que a sua noção de trabalho não se misture àquelas das classes subalternas, é importante que o dinheiro acumulado seja “dinheiro de quem não precisa de dinheiro”, ou seja, para manter sua aura de magnitude, o lucro não deve ser confundido com a forma do salário ou de qualquer tipo de pagamento. Deve ser visto como um prêmio, um troféu concedido a alguém que se destaca em um *hobby*, nunca uma compensação por um trabalho executado.

Como dissemos, o livro de Chico Buarque traz uma perspectiva sobre o trabalho que se diferencia da maior parte dos livros da literatura contemporânea brasileira, e é a partir de elementos como aqueles já apontados que

tal ponto de vista revela-se. Há, em *Leite Derramado*, o predomínio de uma concepção negativa sobre o trabalho em seu aspecto material, pois, do início ao fim do livro, toda atividade que se relacione à venda da mão de obra por parte dos indivíduos que não possuem outro meio de sobrevivência é rebaixada. Nota-se que no romance não há lugar de destaque para personagens representantes das classes que realmente vivem do trabalho. O centro da narrativa é ocupado pelas classes que trabalham – em um sentido bastante abstrato – mas não são dependentes dos ganhos que suas funções geram. Assim sendo, qual seria a diferença do livro de Chico Buarque em relação ao cenário geral da literatura contemporânea brasileira? O que merece destaque ali é que a recusa e o desprezo existentes em relação ao trabalho, sob um ponto de vista proletário, assumem uma carga fortemente irônica e reflexiva. Logo, esse fator não pode ser compreendido como um ponto fraco do livro, mas contrariamente a isso, é aí que se encontra um de seus méritos. Quando o narrador coloca-se do lado daqueles que separam o trabalho dos “instruídos”, complexo e elegante, do trabalho ordinário, simplório e comezinho, observa-se que a narrativa foi feliz ao absorver um elemento central da organização da sociedade atual. De acordo com Robert Kurz, após o colapso da modernização, vê-se que o trabalho no sentido antigo – *labor* – ainda que trouxesse

vários fatores negativos, era uma necessidade imposta pela natureza, por isso não podia ser entendido como dispêndio de força de trabalho e nem como atividade que traz um fim em si mesma. Porém,

no sistema produtor de mercadorias da modernidade, ao contrário, a lógica da necessidade foi invertida: à medida que as forças produtivas, mediante a industrialização e penetração das ciências, rompem a coação e a prisão da “primeira natureza”, passam a ser presas numa coação social secundária, inconscientemente produzida. A forma de reprodução social da mercadoria torna-se uma “segunda natureza”, cuja necessidade apresenta-se aos indivíduos igualmente insensível e exigente como a da “primeira natureza”, apesar de sua origem puramente social. (KURZ, 1992, p. 25).

Por meio da postura *blasé* do protagonista, *Leite Derramado* consegue encenar, de modo bastante crítico, uma premissa ideológica central: Eulálio defende o trabalho com o qual não se suja de graxa ou de terra; um trabalho cujo princípio de sustentação foi o progresso da técnica após a industrialização e a incorporação da ciência ao processo produtivo. Contudo, conforme nos mostra sua trajetória ao longo do enredo, é uma lógica de raciocínio falsa, pois ele só se liberta aparentemente daquela primeira ordem de coação do mundo do trabalho

– a da natureza –, tornando-se vítima de uma segunda ordem, que aparenta ser condicionante e natural como a primeira, mas sua origem é construída socialmente. O trecho a seguir nos dá um bom exemplo sobre o ponto de vista do narrador:

Confesso que eu também me divertia com Amerigo Palumba, principalmente ao ver o escudinho na lapela, com a coroa do partido monárquico italiano. O lenço de seda, a abotoadura de brilhantes, a pérola na gravata, tinha lá sua graça o estilo, se você considerar que o velho Palumba enriqueceu em São Paulo estripando porcos. Não sei se o filho tinha vergonha das salsichas, mas deve ter erguido as mãos para o céu durante a guerra, quando as bandas antifascistas incendiaram seus frigoríficos. Depois da guerra veio para a capital, passou a investir na bolsa de valores [...]. (BUARQUE, 2009, p.37).

No trecho, Eulálio refere-se ao marido da filha, um novo rico que tentava, por meio de aproximações à aristocracia italiana e de uma vida luxuosa, apagar a origem de sua riqueza, visto que seu modo de acumular capital não gozava de muito *glamour* para alguém que se julgava um autêntico representante da elite, como é o caso do narrador. Diante da linha de raciocínio que estamos seguindo, percebe-se que Eulálio busca anular a ideia de trabalho como um imperativo da necessidade, pois,

segundo seu modo de compreender a sociedade, não é louvável ter enriquecido extraíndo tripas de porcos e vendendo salsichas, mas é digna de admiração a fortuna alcançada por meio de ações e investimentos na bolsa de valores. No último caso, há a vantagem de a riqueza não estar associada às imposições da natureza e sim à esperteza, ao cálculo e ao mundo pasteurizado dos números e das cifras. Essa lógica preside também a maneira segundo a qual ele enxerga a sua genealogia quando busca explicar sua excelentíssima linhagem a partir da maneira como seu pai empunhava o chicote para fustigar um negro:

Pegara a manha com seu pai, que veio de além-mar com a frota da corte portuguesa, e quando não estava prestando ouvidos à rainha louca, subia ao convés para dar lições a marujo indolente. Mas isso talvez meu trisavô Eulálio tenha inventado para fazer jus ao chicote que seu pai, o célebre general Assumpção, brandiu em campanha ao lado dos castelhanos contra a França de Robespierre. Para encurtar o conto, esse meu tetravô general era filho de dom Eulálio, próspero comerciante da cidade do Porto, que comprou o chicote em Florença, com o intuito de fustigar jesuítas. (BUARQUE, 2009, p. 102-103).

O chicote, que no caso serve de símbolo da condição senhorial de todos seus antepassados, só foi brandido por indivíduos que nunca viveram do trabalho e se destacaram pelas relações com personagens históricas e posições de honra. É curioso notar que ao mencionar o pai de seu tetravô, talvez o único que serviria como exceção, o narrador apressa-se em dizer que não fora um comerciante qualquer – foi “próspero” – e leva o título de “dom”.

Ao expor uma “genealogia do chicote”, Eulálio enobrece o avô, o pai e a si próprio, afastando todos do universo servil. Para ele, o dinheiro deve estar associado ao refinamento, à nobreza e aos hábitos aristocráticos, e, por isso, na narrativa, tenta sempre alinhar os parentes a fatos históricos importantes. Situando seus ancestrais, Eulálio discorre sobre seu avô, senhor de escravos, e revela que a questão do trabalho, ou melhor, da ausência dele, é contundente:

Creiam que ele visitou a África em mil oitocentos e lá vai fumaça, sonhando fundar uma nova nação para os ancestrais de vocês. E após um acerto de parceria com os colonizadores ingleses, meu avô lançou no Brasil uma campanha para a fundação da Nova Libéria. Conquistou apoio da Igreja, da maçonaria, da imprensa, de banqueiros, de fazendeiros e do próprio imperador, a todos

parecia justo que os filhos da África pudessem retornar às origens, em vez de perambularem no Brasil afora na miséria e na ignorância. (BUARQUE, 2009, p. 51).

A narrativa coloca o avô como um gestor, alguém de fora, que nunca se envolve diretamente com o processo de produção. Há um ar de imponência em perceber que os outros são quem produzem por ele e, seguindo a lógica do favor,³ a obra deixa evidente o comportamento das elites para com a classe trabalhadora: “meu avô foi um figurão do Império, grão-maçom e abolicionista radical, queria mandar todos os pretos de volta para a África. Mas não deu certo. Seus próprios escravos, depois de alforriados, escolheram permanecer na propriedade dele” (BUARQUE, 2009, p. 15). Por vezes, Eulálio justifica-se e logo entrega como o avô vivia do trabalho dos outros: “fique sabendo que o meu avô já nasceu muito rico, não iria macular seu nome por se locupletar com dinheiro público. Mas com o fim do Império, teve de buscar asilo em Londres, onde morreu amargurado” (BUARQUE, 2009, p. 52).

Nessa mesma seara está o pai de Eulálio, grande ídolo, que além de levá-lo à Europa, oportunizou-lhe usufruir de drogas e da prostituição. Sua morte é narrada sob dois aspectos, por confusão amorosa ou por crime político da

oposição. Seu republicanismo e sua função como senador se constroem através do favor e compadrio. O que fica da semelhança entre o avô e o pai são os desmandos do chicote, sendo que a função de senador permitia ao pai ir além: “de sorte que, pensando melhor, papai não gastaria seu chicote histórico com um bando de cascas grossas. Papai vai simplesmente pô-los no olho da rua, e esse será o pior flagelo para vocês, que emprego igual não hão de encontrar em lugar nenhum” (BUARQUE, 2009, p. 103).

A diferença entre o avô e o pai nesse elo de uma “dinastia mandonista” está no modo como operam o chicote. O primeiro se vale da posse de uma mão de obra escravocrata; o segundo se abriga na carreira política, mantendo uma empresa por meio da cordialidade e dos favores do governo. Assim, empregador capitalista e senador, o pai de Eulálio vive da exploração de um processo histórico e gaba-se por ter tradição. Eulálio tenta fixar-se na empresa do pai, mas como não era senador, não tinha privilégios. De toda forma, Eulálio confiava no poderio do seu nome:

Não tinha um mês que Creusot dispensara meus serviços, apesar da confiança em mim depositada até pouco tempo antes. [...] Desembaraçar na alfândega artefatos e explosivos, por exemplo, era questão que meu pai resolvia com um

3. Para compreender o sentido de “favor”, é preciso estudar a acepção sociológica do termo, verificando o sentido da dependência entre ex-escravos e senhores na segunda metade do século XIX, quando os proprietários discutiam a abolição como uma atitude filantrópica, submetendo os que estão fora da sua condição privilegiada a todo sortilégio de caprichos. Promovendo uma relação interessada, a contradição que ligava senhores e *Homens Livres na ordem escravocrata* (CARVALHO FRANCO, 1983) criava um vínculo que proclamava o trabalho livre e a igualdade jurídica, mas reiterava a dominação pessoal, o paternalismo, alimentando ainda a escravidão. O termo é atualizado nas relações contemporâneas na medida em que turvam as relações de trabalho e de classe com voluntarismo, como explica Roberto Schwarz: “o favor é nossa mediação quase universal – e sendo mais simpático do que o nexos escravista, a outra relação que a colônia nos legara, é compreensível que os escritores tenham baseado nele a sua interpretação de Brasil” (SCHWARZ, 2000, p. 16).

telefonema, ou por meio de qualquer despachante. Já eu tinha de comparecer à repartição de manhã cedo, me acotovelar com gente estranha, estender meu cartão de visita, chamar atenção do funcionário, escute aqui, senhor, meu nome é Eulálio d'Assumpção. (BUARQUE, 2009, p. 57).

Eulálio deixa claro que o risco de trabalhar não o afligia, pois, diante do assassinato do pai, a mãe viria em seu socorro, ainda que muito dinheiro tivesse perdido com o *crack* da bolsa de Nova York: “quanto ao dinheiro, querendo ou não, mamãe para mim seria sempre uma salvaguarda. Sua família era talvez mais abastada que os Assumpção, só em pastagens os Montenegro possuíam metade do estado de Minas Gerais” (BUARQUE, 2009, p. 59).

Aliás, foi a mãe quem evitou a carreira política do filho no gabinete da oposição lhe propondo uma mesada de três contos de reis, mais o aluguel dos chalés:

Acabei levando quatro contos, e de abono o Ford usado, depois de fazer ver que o assessor de deputado federal não ganhava menos que isso. Fui ao meu futuro sogro, agradeci-lhe a oportunidade, mas ponderei que minhas raízes no campo conservador não me permitiram servir a um parlamentar liberal. (BUARQUE, 2009, p. 71).

O trabalho e as questões ideológicas estão subsumidos diante da necessidade de possuir capital e acumular dinheiro. O acúmulo financeiro é um fim em si mesmo e serve inclusive para preservar essa honra da tradição aristocrática. Visto isso, podemos dizer que estamos diante de um exemplo da atuação implacável do fetichismo,⁴ pois, como fica explícito no caso de Eulálio, a produção de riquezas e de mais-valia se fundamenta por uma lógica de automovimento do dinheiro:

o valor, na forma da mais-valia, que nunca antes constituíra uma relação de produção, não aparece aqui simplesmente como forma socialmente mediada dos valores de uso concretos; porém, ao contrário, passa a referir-se de forma tautológica a si mesmo: o fetichismo tornou-se auto-reflexivo, estabelecendo assim o trabalho abstrato como máquina que traz em si sua própria finalidade. O processo de produção deixou de “extinguir-se” no valor de uso, apresentando-se como automovimento do dinheiro, como transformação de certa quantidade de trabalho morto e abstrato (mais-valia) e, com isso, como movimento de reprodução e auto-reflexão tautológico do dinheiro, que somente nessa forma se torna capital, e, portanto, um fenômeno moderno. (KURZ, 1992, p. 27).

Através de suas reflexões, o narrador de *Leite Derramado* coloca-nos diante da lógica do capitalismo moderno, em

4. O termo “fetiche” está sendo utilizado aqui conforme a concepção de Karl Marx em sua teoria sobre o processo de produção do capital. Em linhas gerais, o termo se refere a um tipo de falsificação ou fantasmagoria que acomete o senso crítico dos indivíduos envolvidos no processo de produção, assim como cria aparências falsas para a lógica de funcionamento das esferas da realidade concreta, como o trabalho, a produção e, obviamente, a cultura e as relações humanas. Em *O capital*, Marx afirma que “a mercadoria é misteriosa simplesmente por encobrir as características sociais do próprio trabalho dos homens, apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho; por ocultar, portanto, a relação social entre os trabalhos individuais dos produtores e o trabalho total, ao refleti-la como relação social existente, à margem deles, entre os produtos do seu próprio trabalho”. (MARX, 2006, p. 94). Para maiores esclarecimentos, ver também a obra de Karl Marx intitulada *Grundrisse*, especificamente, a primeira seção da parte três.

que os recursos humanos e materiais do trabalho deixam de ser componentes do metabolismo social e passam a servir apenas para a autorreflexão tautológica do dinheiro que precisa transformar-se em mais dinheiro. Trabalho morto e socialmente improdutivo converte-se diretamente em riqueza, como se fosse um passe mágica. Como se vê, na cabeça de Eulálio – e para grande parte de seus companheiros de classe – não funciona a equação na qual trabalho, produção e dinheiro se articulam. O personagem parece apagar as duas primeiras variáveis da equação e consegue operar apenas com a última. De acordo com o sistema que ele nos expõe, as necessidades “sensíveis” do indivíduo podem ser sanadas pela produção “não-sensível” de mais-valia, que se impõe “cegamente” como produção abstrata (cf. KURZ, 1992, p. 28). Dessa forma, o valor econômico que o personagem busca, determina-se de modo totalmente negativo e fetichista, desprendido de toda e qualquer forma concreta. Logo, sua necessidade sensível, contraditoriamente, só pode ser saciada no âmbito do não-sensível. Assim como sua riqueza passa longe da esfera do trabalho real e da produção de valor de uso, ele não busca ganhos para obter alimentação, saúde, ou satisfazer qualquer outra necessidade. Em sua conta, mais-valia multiplica mais-valia, em uma lógica que se retroalimenta. Trabalho, produção e dinheiro, todos operam como antivalores.

Aquilo que poderia funcionar no plano do romance como desprezíveis divagações memorialísticas do narrador, acaba por representar um traço da feição inviável que o desenvolvimento das forças produtivas vem assumindo, levando o capitalismo ao impasse da atualidade, quando os efeitos colaterais do moderno sistema produtor de mercadorias se mostram mais claramente e as crises já não parecem apenas interrupções em seu processo de ascensão.

Ainda nessa investida, é interessante perceber que o livro acerta em cheio ao frisar que o fetichismo não escolhe suas vítimas, pois acomete até mesmo aqueles que ocupam posição privilegiada na sociedade. Tradicionalmente, o fetichismo tem sido associado apenas às classes mais baixas ou à burguesia média, reconhecidas como as partes menos aptas a enxergarem os matizes do processo de produção e, por isso, mais vulneráveis. Entretanto, Eulálio nos mostra algo diferente. O fetiche está na tentativa de manutenção dos hábitos seletos em ambientes desfavoráveis, como o que agora o abriga. Além da aparência, a qual prezava, Eulálio queria ser distinto:

Mesmo vivendo em habitação de um só compartimento, num endereço de gente desclassificada, na rua mais barulhenta de uma cidade-dormitório, mesmo vivendo nas condições de um

hindu sem casta, em momento algum perdi a linha. Usava pijamas sedosos com o monograma de meu pai, e não dispensava um roupão de veludo para caminhar até o alpendre no quintal, onde fazia minha higiene num banheiro com paredes chapiscadas e chão de cimento. (BUARQUE, 2009, p. 137).

A situação se repete com a filha que ora deseja ser atriz, ora deseja ser pintora e, mesmo na penúria, após ter vendido os bens da família e se mudado para o subúrbio, não se confunde com os demais:

Perplexa, Maria Eulália olhava aqueles homens de calção à beira da estrada, as meninas grávidas ostentando as panças, os moleques que atravessavam a pista correndo atrás de uma bola. São pobres, expliquei, mas para minha filha eles podiam ao menos se dar ao trabalho de caiar suas casas, plantar umas orquídeas. (BUARQUE, 2009, p. 177).

O título da obra faz referência a um tempo e a uma situação irremediável: a bancarrota de uma família aristocrática, mas que, por sua vez, pode muito bem representar a decadência e a penúria de um sistema que opera sem a base produtiva, ou melhor, que transformou o trabalho em fetiche por parte do capital. A memória centenária de Eulália deixa evidente a mudança dos tempos,

a persistência da desigualdade e o desaparecimento do decoro e da autoridade encasacada:

Na política, a civilidade daria lugar ao cabotinismo e ao espalhafato, e tampouco vejo meu pai pedindo votos em praça pública, subindo em palanques, apertando a mão de populares, sorrindo para fotografias com a roupa suja de gordura. Nem mesmo a Le Creusot gozava mais o prestígio dos primeiros anos, quando aqui se instaurou a missão militar francesa. Agora sofríamos frequentemente o ataque na imprensa [...]. E perdíamos dia a dia mais terreno para a concorrência, que não vacilava em seduzir certos jornalistas com quem ainda ontem trocávamos favores. (BUARQUE, 2009, p. 132).

Eulálio, ainda que preservado da condição de trabalhador, já deixava evidente que estava condicionado à lógica do capital e entendia que aceitar as chibatadas de Dubosc, assim como o Brasil estava à mercê das empresas estrangeiras, era parte do negócio:

O sargento traduziu a mensagem do emissário, mas foi para mim que Dubosc olhou ato contínuo. [...] A mim cabia amortecer seus golpes de fúria, duas horas de carro até o Palace Hotel a lhe servir de saco de pancadas. [...] Dubosc vez por outra exagerava, era um engenheiro nervoso. Mal tinha chegado ao país e queria encontrar todas as portas abertas, ou senão

explodi-las a dinamite. Já eu sabia que as portas estavam apenas encostadas, meu pai passara por elas outras vezes. [...] Mas eu não tinha dúvida de que, para mim, a porta certa se abriria sozinha. De trás dela, me chamaria pelo nome justamente a pessoa que eu procurava. E me anunciaria com presteza à pessoa influente, que desceria as escadas para me buscar. E me abriria seu gabinete, onde já me aguardariam várias chamadas telefônicas. E pelo telefone, poderosas pessoas me soprariam as palavras que desejava ouvir. E de olhos fechados, eu molharia pelo caminho as mãos que meu pai molhava. E pelo triplo do preço tratado, me comprariam os canhões, os obuses, os fuzis, as granadas e toda a munição que a Companhia tivesse pra vender. Meu nome é Eulálio d'Assumpção, não por outro motivo a Le Creusot & Cie. me confirmou como seu representante no país. (BUARQUE, 2009, p. 44).

Nesse aspecto, podemos afirmar que o fetiche atua sobre as diversas classes sociais e submete as mais diversas nações ao redor do globo ao poder do capital. Obviamente, para o contexto periférico, o “leite derramado” se apresenta de modo inconsolável. Eulálio, em momentos de lucidez no presente, narra a sua desvalida condição:

Estou nesse hospital infecto, e aí não vai intenção de ofender os presentes. Não sei quem são vocês, não conheço seus nomes,

mal posso virar o pescoço para ver que cara têm. Ouço suas vozes, e posso deduzir que são pessoas do povo, sem grandes luzes, mas minha linhagem não me faz melhor que ninguém. Aqui não gozo de privilégios, grito de dor e não me dão meus opiáceos, dormimos todos em camas rangedoras. Seria até cômico, eu aqui, todo cagado nas fraldas, dizer a vocês que tive berço. Ninguém vai querer saber se por ventura meu trisavô desembarcou no Brasil, com a corte portuguesa. De nada adianta me gabar de ele ter sido confidente de dona Maria Louca, se aqui ninguém faz ideia de quem foi essa rainha. Hoje sou da escoria igual a vocês, e antes que me internassem, morava com minha filha de favor numa casa de um só cômodo nos cafundós. (BUARQUE, 2009, p. 50).

Entretanto, engana-se o leitor que acredita na sinceridade e consciência do personagem, pois o protagonista, ainda que ridicularize a própria condição presente, não deixa de esnoabar e colocar-se acima dos colegas de leito. Isso fica claro no final do capítulo quando afirma: “se amanhã eu morrer envenenado, todos aqui hão de me ver nessa televisão que não desligam nunca. Esta pocilga será interditada pela vigilância sanitária, e voltarei para puxar seus pés, e vocês vão dormir na rua” (BUARQUE, 2009, p. 52-53). Diante do processo de produção tomado pelo fetiche, tudo é valor abstrato, tudo pode ser uma coisa e outra, o que torna dificultoso a consciência de

si, ou até mesmo torna mais fácil fingi-la. De modo humorado e geralmente irônico, Eulálio mostra-nos que sua vivência converteu-se em fantasmagorias, que ora mostram-se por meio da ressuscitação de um passado glorioso esfumado, ora aparecem através das lamúrias provenientes de sua consciência simulada sobre seu estado atual. Trata-se apenas de aparências, que apesar de possuírem valor objetivo para a compreensão da realidade, não deixam de ser meras falsificações. Nesse sentido, parece correto dizer que o problema do fetichismo está mais na ordem do dia do que a questão da luta e da consciência de classes para o capitalismo de hoje. Conforme se vê na lúcida e desiludida reflexão de Roberto Schwarz:

O caráter suicida dos termos atuais da concorrência capitalista salta aos olhos e a cegueira do mundo a respeito não augura nada de bom [...]. A ser verdadeira, a feição inviável que o desenvolvimento das forças produtivas tomou, levando o capitalismo ao impasse confirma o prognóstico central de Marx. Por outro lado, a novidade da presente crise vem da incorporação da ciência ao processo produtivo, a partir da qual o peso da classe trabalhadora, seja do ponto de vista numérico, seja do ponto de vista da natureza do processo, entra em declínio. Assim, contrariando o prognóstico de Marx, a crise do capitalismo se aguça no momento mesmo em que a classe operária já não tem força para colher seus resultados.

A versão última do antagonismo não será dada pelo enfrentamento entre burguesia e proletariado, mas pela dinâmica destrutiva e excludente do fetichismo do capital, cuja carreira absurda em meio aos desabamentos sociais que vai provocando pode ser acompanhada diariamente nos jornais. O movimento vai em direção a uma nova idade das trevas, de caos e decomposição [...]. (SCHWARZ, 1992, p. 14).

Essa “nova idade das trevas” supera o enfrentamento entre burguesia e proletariado, pois se mostra capaz de enxertar a consciência de um Eulálio no espírito dos indivíduos das mais diversas classes, gerando “Eulálios” na classe trabalhadora, na classe média e até mesmo entre os mais desvalidos. O fetichismo pujante nas memórias do narrador de *Leite Derramado* é a força motriz das formas de dessociabilização presentes no mundo contemporâneo e tem início na configuração dos processos de produção, nos quais as chamadas “mediações de segunda ordem do capital” – leia-se os meios de produção alienados e suas personificações, como o dinheiro, a produção para a troca, a dinâmica do mercado falsamente global – se sobrepuseram à atividade produtiva real dos indivíduos sociais, ou seja, ao trabalho em sua essência. Essa prevalência das mediações de segunda ordem obscurece a própria consciência das relações mediadoras primárias e

se apresenta em sua eterna presencialidade (MÉSZÁROS, 2002).

Segundo fomos capazes de observar, esse é o principal ponto de diferenciação do romance de Chico Buarque em relação à tendência geral da literatura contemporânea no Brasil. Apesar de o autor recorrer a elementos estéticos utilizados em larga escala nas narrativas da atualidade – forma breve, ordem cronológica embaralhada, estilização das memórias –, a fórmula encontrada por ele não os utiliza como mero decalque ou repetição, uma vez que consegue dar substrato histórico e social a esses recursos, tornando-os dispositivos de interação entre a estratégia formal e o conteúdo da narrativa, o que dá força de representação ao livro e também capacidade de sintetizar aspectos centrais da realidade atual e refletir sobre eles. É o que se vê na postura desabusada e deliberadamente ambígua do narrador. Assim, pode-se dizer que a obra buarquiana é capaz de evidenciar o quanto a negação do trabalho intensifica a lógica fetichista, sendo que o leite derramado não se relaciona apenas à decadência de uma família, mas à crise de um sistema econômico nacional e mundial que aparentemente se opera de maneira autônoma, independente da configuração das classes, submetendo todos à monstruosidade da autor-reflexão do dinheiro.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009.

BUARQUE, Chico. **Leite Derramado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CARVALHO FRANCO, Maria Sylvia. **Homens Livres na ordem escravocrata**. São Paulo: Kairós, 1983.

KURZ, Robert. **O colapso da modernização**: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. Tradução de Karen Elsabe Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política: livro 1. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.

MÉSZÁROS, István. **Para Além do capital**: rumo a uma teoria da transição. Tradução de Paulo César Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2012.

NOBRE, Marcos. **Lukács e os limites da reificação**: um estudo sobre História e Consciência de classe. São Paulo: Editora 34, 2001.

SCHWARZ, Roberto. **Martinha versus Lucrecia**: ensaios e entrevistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SCHWARZ, Roberto. "Um livro audacioso". In: KURZ, Robert. **O colapso da modernização**: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. Tradução de Karen Elsabe Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 7-12.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Editora duas cidades; Editora 34, 2000.

Recebido em: 28-01-2020.

Aceito em: 26-04-2020.